

**O ESTUDO DOS SINTAGMAS BLOQUEADOS
NO GÊNERO INFORME**

Mara Medeiros Cardoso (UFF)
mara.m.cardoso@gmail.com

INTRODUÇÃO

Basta darmos uma olhada nos jornais do dia para verificarmos que as expressões pré-fabricadas não são um fenômeno marginal da nossa língua. Apesar de os estereótipos verbais serem considerados elementos abomináveis pela tradição por trazerem em si o traço da repetição, eles ganham cada vez mais terreno nos textos jornalísticos. Justifica-se, assim, de sobra, o trabalho com tais expressões.

O presente trabalho tem como corpus, exemplares do gênero informe, retirados de um jornal de circulação nacional, destinado ao público adulto: Folha de São Paulo (FSP). Os exemplares foram publicados no período de julho a agosto de 2007. A escolha deste gênero não foi gratuita, veremos que nele há inúmeras ocorrências das formas a serem estudadas. Procuraremos também mostrar como essas unidades lexicais são utilizadas para a construção do sentido do texto. Para reexaminar tais pontos, serão analisadas obras que versam sobre morfologia lexical e lingüística textual. Afinal, a abordagem gramatical e a textual-discursiva não são opostas, mas sim complementares.

Para dar uma idéia do que estamos tratando, aí vai um exemplo da amostra.

1. SINAL VERDE

Em reunião da coordenação política, Lula se manifestou a favor da abertura de capital da Infraero. Usou a Petrobras como exemplo bem sucedido do modelo. (FSP, 2 de agosto de 2007)

O uso da expressão “sinal verde” constrói a idéia de permissão para seguir em frente. No texto, fica claro que Lula aprovou a abertura da Infraero para o capital privado e espera que a idéia seja levada adiante. Neste e em outros exemplos, veremos que é a partir

LÉXICO E SEMÂNTICA

de um objeto concreto, corporizado (semáforo) que se constroem depois as extensões e expansões metafóricas ou metonímicas dos mesmos termos, que passam a ser usados inclusive em outros contextos.

ABORDAGEM MORFOSSINTÁTICA

As expressões analisadas são estruturas frasais que têm unidade de sentido. Com o uso, tais construções sintáticas acabam se cristalizando numa função léxica, ou seja, estão a serviço do processo de nomeação. Todas elas se formaram ou estão se formando via lexicalização. A lexicalização pressupõe uma combinação freqüente no discurso e se configura como uma escolha em bloco pelos falantes. As expressões lexicalizadas consistem em um conjunto de palavras cujos elementos andam mais ou menos intimamente ligados para denotarem certa idéia. A lexicalização é um processo que se consolida em diferentes graus de fixação ou aderência. Por esta razão, muitos autores preferem usar o termo expressões lexicalizadas, grupo fraseológico a expressão fixas, frases feitas, pois estas últimas noções pressupõem um certo grau de cristalização, que nem todos os grupos apresentam.

No processo de lexicalização, o sentido global da expressão não é equivalente à soma dos conteúdos das partes componentes. A expressão lexicalizada perde gradualmente a transparência semântica e fonológica.

Neste trabalho lançaremos mão dos ensinamentos de Pottier (1973, p. 26-30). Acreditamos que o autor faz uma nítida distinção entre palavra e lexia ao situar os conceitos em níveis diferentes. Autores como Freitas (1997), Biderman (2001), Laroca (1994) adotam a mesma teoria.

A palavra é uma unidade formal composta de morfemas. Para o autor, há dois tipos de palavras: com lexemas e gramemas (casas = casa + s) ou com gramemas (estas = est + a + s). As palavras são unidades construídas, de caráter formal. Vale lembrar que para o autor, lexemas integram classes abertas (substantivo, verbo, adjetivo) e os gramemas integram classes fechadas (preposição, artigos, prefixos, sufixos, desinências).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A lexia é uma unidade funcional. “É uma unidade lexical memorizada”. Observa-se que a lexia “bem-te-vi” traduz a idéia de um tipo de pássaro. Apesar de ser formada de três palavras ou unidades construídas, não se pensa nos elementos separadamente, nem é uma simples associação de bem/te/vi.

A lexia é definida pelo autor como uma unidade de comportamento. Quando o falante diz “quebrar um galho”, “bater as botas”, “barra-limpa”, “pelo amor de Deus”, não constrói essa combinação no momento em que fala, mas tira o conjunto de seu repertório lexical. O autor distingue as lexias em:

a) lexia simples: “árvore, saiu, agora”. Neste caso as lexias simples coincidem com palavra.

b) lexia composta: “primeiro-ministro, pára-brisa”. Formalmente há duas palavras que compõem um todo semântico.

c) lexia complexa: “guerra-fria, mortalidade infantil, pôr a mão na massa, mesa-redonda”. Não se podem separar os elementos que formam a lexia, sem que se tenha prejuízo do todo semântico. As lexias complexas estão a caminho de lexicalização.

d) lexia textual: “quem tudo quer, tudo perde”, “quem ama o feio bonito lhe parece”. Trata-se de uma lexia complexa que comporta um enunciado ou texto. São exemplos os provérbios, os títulos de certas obras, desde que sejam usadas por um grupo sócio-cultural capaz de interpretá-lo.

Lapa (1975, p. 65-80) ao estudar os grupos fraseológicos diz que, muitas vezes, os vocábulos só adquirem o seu verdadeiro significado quando se ligam com outros elementos no contexto. A palavra “cabeça” na frase “o homem perdeu por completo a cabeça” não pode ser separada do artigo e do verbo, a menos que se rompa com o significado global da expressão. Na verdade, se descompuséssemos o todo em suas partes, chegaríamos a um absurdo. Só é possível conceber a expressão em sentido conotativo.

A ligação entre os elementos do grupo fraseológico pode ser mais ou menos íntima. Há grupos que apresentam vida curta, se formam de momento e após o uso deixam de existir; uns sobrevivem mais um pouco; outros acabam por formar um todo compacto, inde-

LÉXICO E SEMÂNTICA

componível. Há, portanto, variação no grau de coesão entre as partes do grupo.

Carone (2003, p. 75) observa que a aderência gramatical varia de acordo com a localização das unidades. Quanto mais próximo estiver o elemento marginal do central mais forte será o grau de fixidez. A autora lembra que a ordem dos termos no sintagma é determinante-centro-adjunto. Na oração, sujeito-verbo-complemento. Por esta razão, a aderência do objeto direto ao verbo é mais forte do que a do sujeito e do objeto indireto. A autora lembra que às vezes a coesão do verbo é tanta, que a unidade acaba por se cristalizar, dando origem a uma lexia. Nestes casos, verbos e objeto formam uma unidade semântica e gramatical. Exemplos como “pular corda”, “fazer parte”, “levar um tombo” em “as crianças pulam corda”, “João levou um tombo”, “eu faço parte da equipe” não podem ser analisados separadamente, pois se formam em bloco. Como bem observa a autora, não podemos transformar a oração para a voz passiva, pois o objeto direto não pode se desgarrar do verbo. São inaceitáveis as construções: “uma corda foi pulada por João”, “parte da equipe é feita por mim” etc.

As lexias são formadas ao atingir um grau de aderência tão forte entre os termos que se tornam estáveis como um vocábulo. Apresentando, assim, as características essenciais da palavra: a inseparabilidade e irreversibilidade das partes articuladas.

ABORDAGEM TEXTUAL-DISCURSIVA

As expressões [+/-] lexicalizadas têm recebido nomes diversos: sintagma bloqueado, expressões previsíveis, fórmulas fixas, expressões cristalizadas, estereótipos verbais, frases feitas, etc. E tradicionalmente, estas expressões são tomadas como um agrupamento estável no que se refere à forma e ao conteúdo. São formações vistas como prontas e acabadas. Neste sentido, o uso de tais formas não reserva ao leitor nenhuma habilidade discursiva e não apresenta função cognitiva ou comunicativa relevante. O seu uso é visto como pobreza vocabular.

Vilela (2002, p. 19-31) trata das expressões pré-fabricadas da língua, os estereótipos verbais. E a partir das definições feitas pelos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dicionários, tenta delimitar os possíveis sinônimos de estereótipo (clichê, lugar comum, chavão, frase feita, protótipo, provérbio etc). Ele nos antecipa que o traço comum a todos os termos é a repetição. Além disso, acrescenta que há nos conceitos uma gradação semântica: o traço repetição adquire contornos valorativo ou depreciativo.

Para uma nítida delimitação dos conceitos sugiro uma leitura oportuna da obra. Por ora, interessa-nos dizer que os estereótipos verbais referem-se a qualquer agrupamento verbal já configurado na língua. O autor afirma que o estereótipo é fenômeno constitutivo da língua. As “muletas discursivas” representam o conhecimento partilhado pela coletividade. Nada mais é que o denominador comum aos membros de uma sociedade, refletindo os caminhos já percorridos pela língua.

O autor afirma que o estereótipo pode ser concebido por duas formas. Na primeira visão, estereótipo corresponde a uma representação social, um modelo cognitivo generalizado dos saberes e valores. Por outro lado, estereótipo pode ser visto como uma opinião, uma representação cômoda e congelada que bloqueia a verdadeira reconstrução. E neste sentido deve ser evitado.

Carvalho (2004, p. 84-93) assevera que as fórmulas fixas da língua são condenadas pelos teóricos da estilística. Entretanto, elas podem se tornar peças de valorização de um texto, à medida que despertam a adesão do leitor por meio de algo já conhecido. As fórmulas fixas estimulam a memória do leitor, proporcionando uma certa satisfação de um conhecimento partilhado entre autor e leitor. Fato que cria uma certa cumplicidade entre ambos.

As fórmulas fixas facilitam a comunicação, pois trazem em si um grande apelo à memória individual e coletiva. O leitor ao acionar seus esquemas mentais, descobre algo que lhe é familiar, mas ao mesmo tempo faz parte do patrimônio cultural de seu povo. A rapidez e a precisão, que caracterizam esse tipo de mensagem, contribuem para o automatismo da memória, despertando o interesse e a aprovação de um grande número de leitores. Por estas e outras razões, as fórmulas fixas tem lugar garantido na publicidade e no jornalismo e cada vez mais vêm se tornando um artifício bem sucedido.

LÉXICO E SEMÂNTICA

Vale ressaltar que nem sempre o uso das fórmulas fixas é literal. Pode-se incorporar um elemento novo e criar um jogo de palavras de modo que a frase feita torna-se “contrafeita”. Outra possibilidade é modificar a fórmula fixa para desmontar estereótipos. Mainqueau (2005, p. 169-178) acrescenta que a desmontagem ou quebra da fórmula fixa pode apresentar ora uma finalidade lúdica. Neste caso, há apenas o jogo de palavras. Ora apresenta uma finalidade prática, cujo objetivo é conferir autoridade a um novo enunciado e negar, desmoralizar o texto original (“De hora em hora, a vida piora”). Trata-se de uma estratégia de captação (potencializando ao máximo a estrutura e o conteúdo semântico da fórmula fixa) e de subversão (ênfatizando a contradição presente na fórmula).

Koch (2005, p. 64) afirma que o uso de fórmulas fixas é um caso de intertextualidade. Atribuem-se a um enunciador genérico e enunciados de origem indeterminada, que fazem parte de um repertório comum de uma sociedade. Este saber compartilhado é constituído por provérbios, frases-feitas, ditos populares. Segundo a autora, quando se usa um provérbio, há uma “enunciação-eco” de um número ilimitado de enunciados prévios do mesmo provérbio. E sua legitimidade é garantida por um enunciador genérico, verdadeiro representante da opinião geral, da “vox populi”, do saber comum de um grupo.

ANÁLISE DO CORPUS

O corpus de que nos valemos é composto por expressões previsíveis que funcionam como títulos de textos do subgênero jornalístico chamado informe. Segundo o Dicionário de comunicação, o informe é “qualquer dado a respeito de alguém ou de alguma coisa. O mesmo que informação. Relatório. Notícia”. De pronto, nota-se que os diversos textos que o compõem são em geral curtos, e não articulados entre si, mas pertencem a um mesmo universo conceptual: esporte, política. Analisamos a seção *Painel* e a coluna de Mônica Bergamo do caderno Ilustrada da FSP.

A leitura dos textos do informe pressupõe um leitor assíduo, pois, às vezes, as informações contextuais são insuficientes para a construção da referência. O produtor do texto pressupõe da parte do leitor conhecimentos situacionais, enciclopédico. Por ser guiado pelo

princípio da economia, o autor não explicita as informações redundantes. Além disso, muitas informações não explicitadas textualmente podem ser recuperadas via inferenciação.

Nos informes, as expressões lexicalizadas desempenham uma importante estratégia de contextualização. Elas antecipam e sintetizam o conteúdo da mensagem e funcionam como chamada de um grande número de leitores, todos possivelmente capazes de ativar os referentes dessas expressões. Agora sim, vamos à análise dos textos:

MUNDO CÃO

E o Instituto de Proteção aos Animais do Brasil (IPAB) criticou o fato de uma UTI veterinária móvel ter ficado à disposição dos cães no passeio de Campos de Jordão. “Há discriminação até no mundo animal. Enquanto os cachorros ricos de Campos têm UTI, o centro de controle de Zoonoses de São Paulo não tem um caminhão funcionando para tirar os animais da rua, mesmo que haja um cavalo atropelado na Marginal Tietê”, diz o presidente da Ong, Maurício Esteves. (FSP, 13 de julho de 2007)

A expressão fixa “mundo cão” nos remete à idéia de desumanidade, apelo à exploração da miséria humana. A leitura deste item lexical aciona nosso conhecimento de mundo ou enciclopédico e gera a expectativa de encontrarmos uma situação de injustiça qualquer. Essa hipótese é confirmada no próprio texto “há discriminação até no mundo animal”. O que chama mais atenção no informe é o fato de a expressão “mundo cão” ser ambígua. Ela é empregada tanto no sentido conotativo, como no denotativo “mundo canino”. Neste último caso, há a desmontagem da fórmula fixa, que deverá ser lida como não lexicalizada.

O FILHO É TEU

Quando o tema Mangabeira veio à tona no planalto dias antes da posse do professor, Lula virou-se para Dilma Rousseff e avisou: “O primeiro problema que der quem vai resolver é você”. A ministra ia responder, mas o presidente cortou: “E pode chamar o tarso, que é outro pai da criança”. (FSP, 8 de julho de 2007)

Como dissemos, nem sempre a fórmula fixa é usada na íntegra. Neste caso, há uma redução, um corte. O título do informe é parte da expressão lexicalizada “toma que o filho é teu”. A expressão é

LÉXICO E SEMÂNTICA

usada quando alguém quer se livrar de um problema e delega sua resolução ao verdadeiro responsável. No caso, o problema em questão é Roberto Mangabeira Unger, recém chegado ao governo Lula. O professor de Harvard manifestou severas críticas aos tucanos do I-PEA, o que pode gerar animosidade do governo com a oposição.

DOIS PESOS

A decisão do TCU de interromper melhorias em aeroportos por causa da variação de valores em obras de Infraero contrasta com ação do órgão no Pan. Sinalizou que poderia parar as obras por suspeitas de irregularidades. Mas não o fez. (FSP, 29 de julho de 2007)

Mais uma vez, temos o corte na expressão fixa. Essa estratégia é usada para estimular a memória do leitor e estreitar sua interação com o texto e o autor. Ao ler o título, o leitor aciona seu conhecimento idiomático e recupera a expressão “dois pesos e duas medidas”. A fórmula fixa é usada para mostra que houve tratamento desigual para situações afins. O texto deflagra a incoerente ação do TCU ao embargar as obras em aeroportos e, ao mesmo tempo, não interromper as obras do Pan pelas mesmas suspeitas, a superfaturação.

O VENTO LEVOU

Ontem de manhã, no hotel da Organização Desportiva Pan-Americana, os mastros em que as bandeiras alusivas ao Pan ficavam caídos. (FSP, 12 de julho de 2007)

Já dissemos que os títulos de livros, músicas populares, filmes são exemplos de fórmulas fixas quando podem ser resgatados por um grupo sócio-cultural. O título do informe faz alusão a um dos filmes mais conhecido no mundo. A carga dramática do filme sinaliza para um acidente: os mastros em que as bandeiras do Pan estavam hasteadas caíram. O título do informe é sugestivo, pois faz o jogo da intertextualidade. E ao mesmo tempo a frase pode ser lida literalmente. Segundo Carvalho (2004, p. 91), neste caso, há a desmontagem da fórmula fixa, pois o seu sentido inicial é recuperado, tal como era antes da lexicalização.

UMA MÃO LAVA A OUTRA

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O Palmeiras teve ajuda do Santos para mandar o clássico de amanhã no Parque Antarctica. Os palmeirenses pediram aos santistas que afirmassem à polícia Militar que não viam problemas em jogar lá. Marcelo Teixeira aceitou e ligou para a Pm. Os policiais exigiam a partida no Morumbi, alegando questões de segurança. E não receberam bem a atitude do time do litoral. Ao ser gentil com o adversário, Teixeira praticamente assegura que, no futuro, terá ajuda caso a PM vete um jogo com o Palmeiras na Vila Belmiro. (FSP, 18 de julho de 2007)

A expressão lexicalizada significa “troca de favores”, aponta para a prática pouco ortodoxa do jogo de interesses. No caso, o Palmeiras pede para o Santos interceder junto a PM em seu favor. O Santos ajuda o time adversário e em troca espera ser ajudado em uma outra ocasião.

SOB A LUZ DO LUAR

Reduto de escritores e artistas, a praça Roosevelt anda com iluminação parcial desde a semana passada. É que os refletores, do lado oposto ao dos bares e teatros, foram furtados e não há previsão de reposição. Mas segundo a prefeitura, já foi registrado boletim de ocorrência e continua em andamento o projeto para revitalizar a praça, que inclui iluminação. (FSP, 24 de julho de 2007)

O título do informe é um clichê, uma construção fixa, pretensiosamente literária que é desgastada pelo uso. Tradicionalmente, o clichê é condenado por sua trivialidade, por recorrer a imagens corriqueiras. Tais expressões estafadas imprimem um estilo postiço, sem força expressiva. Entretanto, o clichê de caráter romântico ganha nova vida. Ele é adequado ao assunto, pois o referente é um reduto de artistas e escritores, a praça Roosevelt. Além disso, o clichê ganha ares irônico, cômico, já que o local está iluminado “sob a luz do luar” não por causa de uma atmosfera romântica, mas sim por causa de um roubo. Revela-se, então, o abandono do lugar.

LÉXICO E SEMÂNTICA

MEU PIRÃO

Simão Cirineu e Mauro Ricardo, secretários da fazenda dos tucanos Aécio Neves e José Serra, respectivamente, reuniram-se ontem com o vice-presidente da Câmara, Nárício Rodrigues (PSDB-MG), para articular um plano que viabilize a partilha da CPMF com os Estados. (FSP, 8 de agosto de 2007)

O título é parte do provérbio “farinha pouca meu pirão primeiro”. O ditado elucida o individualismo, a não consideração dos interesses alheios. No texto, fica claro a corrida dos secretários da fazenda para atender a sua própria causa: a partilha do imposto entre os Estados.

FOGO AMIGO

A oposição corintiana irritou-se ao descobrir que Alberto Dualib entrou com uma ação contra o Corinthians e seu Conselho deliberativo. Tentou, em vão, liminar para anular a reunião que aprovou as suas contas. (FSP, 31 de julho de 2007)

No jargão militar, a expressão “fogo amigo” ocorre quando um exército ataca por engano uma força aliada. E por extensão de sentido, passou a ser usada em outros contextos, como na política. Nota-se que no texto fica claro que a pessoa, Dualib, volta-se contra seus aliados, mas não tem sucesso na sua “incursão”.

TODA NUDEZ...

O shopping Frei Caneca instalou placas nos banheiros masculinos com o texto: “A prática de ato obsceno em lugar público, aberto ou exposto ao público é passível de pena de detenção de três meses a um ano”. Segundo a administração do shopping, a medida é apenas preventiva, “para evitar constrangimentos”. (FSP, 15 de agosto de 2007)

O título do informe é um exemplo de intertextualidade implícita, pois não há citação explícita da fonte. O autor do texto espera que o leitor acione seu conhecimento textual e resgate a peça teatral “Toda nudez será castigada” de Nelson Rodrigues. A seleção do título foi intencional, perspicaz, pois ele dá uma noção do conteúdo do informe. O aviso colocado no banheiro masculino de um shopping procura inibir a prática de gestos obscenos. E o mesmo prevê a pena

(o castigo) para tal prática. Certamente, o conteúdo do informe está em consonância com a obra Rodriguiana.

LIVRO ABERTO

Aliados de Ricardo Teixeira tentarão convencê-lo a ser mais dócil com congressistas interessados em seguir de perto o projeto da Copa de 2014. Um deles, baseado em Brasília, diz que o pior para o cartola está por vir. Refere-se à sua certeza de que deputados encontrarão uma fórmula legal de ter acesso a todos os contratos referentes ao Mundial, se ele for no Brasil. Estão incomodados com o fato de, até agora, não saberem quanto custará a brincadeira. Pretendem levar o presidente da CBF mais de uma vez à Câmara. (FSP, 18 de agosto de 2007)

A expressão lexicalizada “livro aberto” é usada em bloco com o significado de “acessibilidade à informação”. Essa idéia de certa forma é explicitada na passagem “ter acesso a todos os contratos referentes ao Mundial”. Mais uma vez, parte-se de um objeto concreto (livro aberto) e através de um hábito associativo, é atribuído um novo uso para expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que as expressões lexicalizadas são encontradas aos montes nos gêneros textuais do domínio jornalístico, sobretudo no informe. Elas atendem a funções textual-interativas específicas: Tais formas apresentam bom rendimento comunicativo, pois condensam conhecimentos partilhados. Direcionam a leitura, ao gerar hipóteses de interpretação no leitor. Estabelecem uma espécie de cumplicidade entre autor e leitor à medida que reservam ao leitor a satisfação de um conhecimento partilhado. Além disso, como estereótipos verbais, elas apresentam uma maior estabilidade referencial por funcionar em bloco e ser coletivamente pré-fabricadas. As fórmulas fixas fazem parte do repertório de uma comunidade, configurando o saber idiomático. E é nela que se imprime o chamado gênio e o colorido da língua.

LÉXICO E SEMÂNTICA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CÂMARA Jr., J. Matoso. *Problemas de lingüística descritiva*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO, Nelly de. *Publicidade: a linguagem da sedução*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

KOCH, Ingedore G. *O texto e a construção dos sentido*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

POTTIER, Bernard. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

RABAÇA, Carlos Alberto & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

VILELA, Mario. *Metáforas do nosso tempo*. Porto: Almedina, 2002.